

CHAVES (São Julião de Montenegro)

São Julião de Montenegro foi uma freguesia do concelho de Chaves, distrito de Vila Real. No âmbito da reforma administrativa de 2013 foi extinta e agregada a outras localidades, formando uma nova freguesia intitulada União das Freguesias de Eiras, São Julião de Montenegro e Cela. A igreja de São Julião de Montenegro dista cerca de 12 km da sede de concelho. Sair de Chaves pela estrada N103 e depois tomar a estrada N213. Seguir durante cerca de 10 km. Virar depois à direita para a rua Estrada Nova e 600 m à frente virar à direita para a rua do Terreiro e depois à esquerda para a rua Trás-da-Igreja, onde se localiza a igreja de São Julião.

O enquadramento da igreja de São Julião de Montenegro é rural, localizado no centro da aldeia e num adro elevado onde confinam caminhos públicos. Durante as obras de restauro efetuadas na igreja, em 1983, foram descobertos três miliários pertencentes à via romana do itinerário XVII, um dos quais sob o altar-mor do templo.

A mais antiga referência documental a Montenegro, *mons niger*, remonta a inícios do século XI, numa carta de arras que o conde limiano D. Rodrigo Ordonhes constituiu a favor da condessa D. Toda Gonçalves. Durante vários séculos, o território de Montenegro foi disputado pelos reis Leão e Portugal. Em 1401, o Conde de Barcelos ao casar com D. Beatriz, filha do Condestável Nuno Álvares Pereira, recebe a terra do julgado de Montenegro, a qual integrará mais tarde o vasto património da Casa de Bragança.

Igreja de São Julião

A EDIFICAÇÃO DA IGREJA DE SÃO JULIÃO de Montenegro tem vindo a ser atribuída ao século XIII. O que é certo é que em meados do século XIII existia aqui uma igreja pois nas inquirições de 1258, além de se afirmar que a paróquia de São Julião pertencia ao julgado de Montenegro, é declarado pelo prelado Mendo Lourenço que a igreja não era do rei mas de Fernando Fernandes Cogominho, e herdeiros, e dos filhos de Lourenço Rodrigues.

Segundo o Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do reino, ordenado por D. Dinis em 1320, com vista a angariar fundos para a Cruzada, a igreja de São Julião surge no contexto das igrejas da Terra de Frieira. Esta igreja de São Julião de Montenegro aparece taxada com dois valores diferentes: tanto em 60 libras como em 400 libras, não sendo claro qual o valor com que realmente deveria contribuir. Apenas a igreja de Castanheira contribui com um valor superior, 650 libras, no contexto desta Terra de Frieira.

São Julião de Montenegro foi reitoria e comenda da Ordem de Cristo. Segundo o *Livro das Comendas da Ordem de Cristo* (1563), era uma das comendas novas dos 20 mil cruzados, criadas por iniciativa de D. Manuel a partir de 1514, com aprovação pontifícia. O seu comendador era Frei Fernando Coutinho e, em 1548, fora avaliada em 160 000 reais.

Segundo as Memórias Paroquiais de 1758, "o templo paroquial que está dentro do lugar de Sam Julião he antigo mas de cantaria lavrada, reziduo segundo a tradição dos Templários, cuja porta principal se ve adornada com seo de alguma sorte primoroso ainda que antiguo artificio sustentado com seis colunas". Segundo o mesmo relato, a igreja tinha três altares. O pároco era da apresentação do arcebispo de Braga. A igreja é composta por nave única e cabeceira retangular, ligeiramente mais estreita e mais baixa. A sua configuração aponta para um estaleiro tardio pois tem uma altura bastante elevada comparativamente a outros exemplos românicos, aproximando-se já de uma espacialidade mais próxima do gótico. O alçado sul da cabeceira está em parte oculto pela sacristia que a ele se adossa, formando um corpo quadrangular com cobertura de uma só água e que a uma inscrição gravada no lintel da porta rasgada a oeste data com o ano de 1625. Já a igreja e abside, edificadas em aparelho de granito pseudo-isódomo, têm cobertura de duas águas a que corresponde no interior a cobertura em madeira, configurando na cabeceira uma abóbada de berço quebrado policroma.

Na fachada este persiste uma fresta entaipada e o seu aparelho apresenta-se mais irregular no terço inferior.



*Perspetiva geral
da igreja.
Alçado sul*

O alçado sul da igreja, apesar de transformado pela edificação da sacristia, conserva significantes vestígios da época românica. Na cabeceira, rasga-se junto da parede este da sacristia uma fresta alargando para o exterior, mas terminando em arco conopial, sintoma de uma cronologia tardia. A cachorrada que persiste na cabeceira e na nave distingue-se pela variedade dos motivos zoomórficos, antropomórficos ou geométricos e que sustentam uma cornija ornada com laços e bolas. De notar que na cabeceira, os silhares entre os cachorros estão decorados com rosetas, avivadas ainda pela persistência de resíduos de caiado branco. Na nave devemos destacar a presença de uma estreita fresta que ilumina o interior e a persistência de modilhões e lacrimal, a meia altura do alçado, que seguramente sustentaram uma estrutura alpendrada.

No alçado norte, a cabeceira é rasgada por vão de iluminação retangular, provável transformação posterior. Tal como no alçado sul, aqui os cachorros são variados, repetindo-se igualmente o arranjo da cornija. Inscreve-se na espessura do muro um portal, dotado de tímpano ornado com cruz vazada e envolvido por duas arquivoltas lisas que se apoiam sobre imposta, diretamente assente sobre os pés-direitos do muro.

A edificação da fachada oeste em meados do século XIX conduziu ao desmantelamento do portal românico que as Memórias Paroquiais de 1758 ainda referem.

A parede testeira da abside está oculta pelo retábulo-mor, fábrica barroca.

O arco triunfal é o mais significativo elemento da época românica nesta igreja de São Julião de Montenegro. É formado por duas arquivoltas em arco quebrado e arco envolvente ornado com friso enxaquetado. Tanto este, como a arquivolta intermédia, decorada com bolas entre dois toros assentam diretamente sobre os pés-direitos do muro, sem intermédio de imposta. Já a arquivolta interior é lisa, mas com aduelas bem esquadriadas, e apoia-se sobre colunas embebidas onde se destacam portentosos capitéis. As arquivoltas e arco envolvente mostram ainda vestígios de policromia, tal como acontece ao nível das impostas que mostram o mesmo motivo entrelaçado. Todavia, do lado do Evangelho este arco surge pintado sobre uma imposta lisa, afirmando o efeito ilusório da pintura, enquanto que do outro lado surge relevado e policromo. Quando à figuração dos capitéis, se no lado do Evangelho vemos duas figuras humanas, sendo uma delas maior e a abraçar uma outra, entre robustas folhas de acanto, já no capitel do lado da Epístola também uma figura humana parece alimentar duas figuras animais, vendo-se ainda a figuração de diversas aves. É precisamente através da escultura destes capitéis, turgida e muito presa ao cesto cúbico, que se tem procurado ligar a linguagem plástica desta igreja com a do românico da região espanhola de Orense. O fuste das

*Cachorros do
alçado sul da
cabeceira*



colunas, de tambor único, ostenta pintura mural que pelos motivos e policromia adotados resulta já de uma campanha da época moderna.

No interior da igreja permanece ainda uma forte ambiência que convoca a época românica que, de forma distinta ao que acontece na maior parte dos testemunhos desta região, se afirma num culto do granito dos paramentos internos, apenas quebrado por vestígios de pintura mural quinhentista e pela presença de pequenos retábulos a meio da nave. A ambiência românica é ainda exaltada pelas dimensões contidas dos vãos de iluminação da nave. No lado da Epístola rasga-se um arcossólio onde foi colocada uma tampa da sepultura, encontrada no adro, e que nos mostra a Cruz de Cristo. O óculo da fachada principal é enquadado interiormente por uma arquivolta quebrada, ornada com motivos fitomórficos formando laçadas e por toro diédrico. Questionamos se este não resulta de um reaproveitamento do portal primitivo, tal como os dois fragmentos de capitéis românicos, decorados com motivos de natureza vegetalista e enrolamentos.

A edificação da igreja de São Julião de Montenegro é datável do século XIII. É na variedade dos motivos dos cachorros e na composição do arco triunfal que residem os mais significantes vestígios românicos. O desmantelamento do portal oeste, peça chave numa igreja românica atendendo ao investimento que nele era posto, não permite ajuizar melhor a cronologia de edificação desta igreja. Deste portal, que seria composto por três arquivoltas, nada

Portal norte





Pormenor da fresta do lado norte entre dois cachorros

Interior. Perspetiva da nave e abside a partir do lado ocidental





Interior. Arco triunfal. Capitel do lado norte

resta hoje *in situ* pois a fachada oeste foi reconstruída em 1855, adotando a configuração contida que hoje lhe conhecemos. Alguns dos seus elementos românicos encontram-se no Museu Municipal de Chaves.

Foi decretada Monumento de Interesse Público em 2012. Está aberta ao culto e é igreja paroquial.

Texto: MLB/JL - Fotos: JNG



Interior. Arco triunfal. Capitel do lado sul

Bibliografia

AFONSO, L.U., 2009, II, pp. 660-666; ALMEIDA, C.A.F., 1986b, p. 104; ALMEIDA, F., 1971, IV, p. 112; BOISSELLIER, S., 2012, p. 158; DIAS, N. J.P.P., 1990, pp. 43 e 90-94; CEPB, 1935-60, XXVII, p. 519; LENCART, J., 2018, p. 445; MEM. PAROQ. 1758 (2006), pp. 247-249; PMH, INQ., p. 1360 (de 1258); SIPA; TEIXEIRA, R., 1996, p. 88.

